

HANS LORENZ CASTORP, O BOM AVÔ EM *A MONTANHA MÁGICA*, DE THOMAS MANN

Jorge Alves Santana¹

RESUMO: Refletimos aqui sobre alguns aspectos do corolário estético e psicossocial produzido pela longa, intrigante e dialética analepse narrativa, presente no segundo capítulo de *A montanha Mágica*, de Thomas Mann. Particularmente na primeira parte do romance, intitulada *Da pia batismal e dos dois aspectos do avô*. Neste recorte analítico, acompanharemos a ocorrência dos movimentos de subjetivação modular/transversal do protagonista Hans Castorp, em relação direta e indireta com seu avô Hans Lorens Castorp; bem como, por consequência, em relação ao seu comportamento dialógico com outras personagens que formam este complexo, múltiplo e heterogêneo universo romanesco. Rostidade modular, ou identidade flexível, disposta em temporalidade transversal também será um dos elementos percebidos como móveis de base para esta atualização do *Bildungsroman*, que se equilibra entre tradições clássicas do gênero e as atualizações literárias feitas pelo autor, que apontam para novas perspectivas de negociações dos variados processos de construção subjetivas, presentes nos paradigmas estéticos.

Palavras-chave: *A montanha mágica*; rostidade; identidades transversais.

ABSTRACT: We will observe and reflect upon some aspects of the aesthetic and psychosocial corollary produced by the long, intriguing and dialectic flashback present on the second chapter of *The Magic Mountain*, of Thomas Mann; particularly on the first part, entitled *Of The Baptismal Font And The Grandfather's Two Aspects*. In this picture, we'll accompany the occurrence of the movements of transversal subjectivity of the protagonist Hans Castorp, connected directly and indirectly to his grandfather Hans Lorens Castorp, also, as consequence related to his dialogic behavior with other characters that creates this multiple, complex and heterogeneous romanesque universe. Transversal faciality and temporality will be a few of the elements seen as basis of this *Bildungsroman*, that balances between classical traditions, in its period

¹ Prof. Associado UFG - jorgeufg@bol.com.br

sociocultural counterpart, and the contemporary literary updates, that links to new perspectives of negotiations of the various identity building processes, present in the aesthetic paradigms.

Keywords: The Magic Mountain; Faciality; Transversal Identity.

O avô paterno, o senador, sobreviveu apenas pouco tempo ao pai; morreu também de uma pneumonia, porém depois de muita luta e longo sofrimento, pois, ao contrário de seu filho, era Hans Lorenz Castorp uma personalidade que dificilmente se deixava abater, e se arraigava com grande tenacidade na vida.

A montanha mágica. Thomas Mann, 2006

Um conceito que escapa à antinomia do universal e do particular é-nos desde sempre familiar: é o exemplo.

A comunidade que vem. Giorgio Agamben, 1993.

Introdução

Thomas Mann publica o alentado e dialético romance *A montanha mágica* em 1924. Período esse que abarca os preparativos políticos, individuais e coletivos do que será a Segunda Grande Guerra Mundial. Apesar disso, essa narrativa representa uma época anterior a Primeira Grande Guerra Mundial; época na qual se observa os desdobramentos e deslocamentos de uma fase de formação do jovem Hans Castorp, hamburguense do campo profissional da Engenharia Naval e que, por insistência da família, visita seu primo Joachim Ziemssen, interno de um hospital para doenças respiratórias na região de Davos, nos Alpes Suíços.

Refletimos, nesse quadro, sobre a formação psicossocial transversal do protagonista, sob as reverberações da própria formação de Thomas Mann. Tal metodologia e constatação um tanto extradiagéticas nos parece ser importante, mesmo que ocorra aqui como certo pano de fundo, para assinalarmos que a postura dialógica que *A montanha mágica* expressa,

também sendo postura que abrange a personalidade histórica do autor frente aos confrontos ideológicos múltiplos e heterogêneos que atravessavam a Europa.

A pequena visita familiar e fraternal, prevista para pouco tempo, que Hans Castorp faz ao seu primo alonga-se por sete anos, pois nosso jovem protagonista também é diagnosticado com um grave problema respiratório, sendo obrigado a internar-se e a conviver com a comunidade de pacientes do hospital. Tal convívio nas montanhas geladas oferece ao rapaz um *locus* e um *socius* de coexistência intensa com pacientes de toda a Europa, nos seus mais variados segmentos classistas, étnicos, etários, políticos, entre outros, que propiciarão a Castorp dispositivos relacionais diferenciados e variados para a conformação dialética crítica de sua subjetivação.

No meio de tal cartografia existencial peculiar e exigente, observaremos a singularidade de uma coexistência vivida por Hans Castorp. Não se trata ainda das relações interpessoais com os seus colegas do Sanatório Internacional Berghof, mas sim com uma pessoa que emerge de uma intrigante e filigranada lembrança que lhe vem à mente e ao coração, logo após seus primeiro dia no hospital.

Trata-se de conteúdos memorialísticos advindos de uma analepse narrativa, movimento anacrônico de volta temporal na narrativa tida como central, que nos é dada sobre o período de sua infância, que abrange a morte precoce de seus pais e de sua pequena, porém intensa e significativa convivência de dezoito meses com o avô paterno. Esta convivência possui aquele caráter de valores interpessoais fundantes para compreendermos um pouco sobre como ocorre certo processo de subjetivação do protagonista, e que o capacitará a ir ao encontro dos universos existenciais diversos e múltiplos que conformam a comunidade/allegoria do sanatório Berghof, bem como dos variados segmentos da geopolítica europeia, e vizinhança, da época.

Desta forma, acompanharemos aqui alguns aspectos narrativos, sobretudo a composição psicossocial transversal do protagonista, que nos demonstra a capacidade de Thomas Mann em vincular a complexa dimensão socioestética de sua época de enunciação a uma narrativa romanesca que conforma de modo basilar seu paradigma estético. Tal paradigma mostra-se respeitado como realidade artística e também como proposta sociopolítica que nos indica esboços de condições futuras, apesar do aparente tom trágico da narrativa, de ocorrência e de superação dos dramas pessoais e coletivos, nos quais tanto o autor, quanto os seus

conterrâneos e contemporâneos, no âmbito ficcional e no factual, estavam insertos/incertos.

Uma instigante analepse e os múltiplos futuros

Nas primeiras partes de *A montanha mágica*, acompanhamos Hans Castorp com vivo interesse em conhecer os espaços do sanatório Berghof. Seu olhar observa os cômodos internos do edifício, os espaços externos, as montanhas com geleira eterna dos Alpes, os seres humanos internados no local e suas ideologias pessoais e coletivas, as mudanças de temperatura do ambiente e tantas novas realidades. Assim, teríamos uma narrativa linearizada, movida pelas relações causalistas de ações, situações, elipses narrativas e pausas descritivas rotineiras.

Tal quadro narrativo, no entanto, também é movido pela dinâmica da anacronia. Ou seja, a engenharia da narrativa principal também é movida por quebras temporais que supõem retornos estratégicos a tempos passados ou a afirmações ou suposições de como o futuro será. Nessas primeiras partes de nosso romance em estudo, acompanhamos uma dessas quebras de cronologia linear. Trata-se de uma analepse um tanto alongada e com importância estratégica para compreendermos alguns aspectos da formação psicossocial do protagonista e alguns desdobramentos futuros de seu quadro interpessoal. Vejamos, antes de aplicarmos o conceito narratológico, como se configura essa disposição anacrônica, que é a analepse.

O narratólogo francês Gérard Genette (1972, p. 47-64) nos esclarece que algumas narrativas iniciadas *in medias res* ou *in finis res* usualmente efetivam a estratégia de volta temporal para fornecer à narrativa central, dados que possam explicar o atual desdobramento do enredo. Para ele, tais recursos de diacronia ocasionam certo estranhamento, portanto, na ordem temporal direta da narrativa. Esses recursos com seus conteúdos semânticos e pragmáticos, presentes na analepse, podem ter caráter interno, quando se iniciam e terminam no próprio corpo da narrativa central, ou caráter externo, quando começam antes do início da narrativa central. Seu caráter estratégico seria o de marcar e sugerir as relações causais, que são responsáveis pela evolução lógica e histórica dos quadros acionais do universo literário e discursividades afins.

No entanto, além de que marcar certa ordem positivista, porque causalista, do universo de composição de personagens e de suas ações, tal

recurso de disposição temporal do discurso também pode criar expectativas que não serão contempladas no curso dos eventos narrados. Assim, analepses podem funcionar como recurso de retomada de elementos sustentadores da lógica narrativa, bem como recurso para sublevações ou criação de novas ordens temático/formais desta lógica narrativa.

No caso do romance *A montanha mágica*, observamos que o uso do recurso analéptico não é uma constante. O narrador onisciente intruso usa relativamente de poucas retomadas temporais, no que diz respeito à infância e à adolescência do seu protagonista, pois seu projeto maior parece ser o de colocar essa personagem no palco presente das interações pessoais do múltiplo e complexo quadro dos pacientes do sanatório. Há, porém, uma analepse intrigante que nos toma a atenção logo no segundo capítulo do romance.

Esta analepse nos é apresentada logo no início do segundo capítulo, e se intitula *Da pia batismal e dos dois aspectos do avô*. Ela surge após a descrição da longa viagem que Castorp faz de Hamburgo até a região dos Alpes Suíços e o primeiro dia de contatos com seu primo Joachim e com a realidade inicial do sanatório. Após as suas reações iniciais a respeito do quarto em que é colocado, Berghof 34, e do sono reparador das suas energias após a longa viagem de trem, a analepse que acompanharemos nos é dada com extensão alongada e com minuciosa descrição; o que, de certa forma, a distingue das costumeiras analepses de narrativas tidas como clássicas, por exemplo, em relação aos romances realistas do Séc. XIX.

Em tal anacronia analéptica, conhecemos uma seleta de dados da família de Castorp; sendo que o foco da analepse dá-se na morte prematura dos pais, nas idas-e-vindas de várias casas de familiares do pequeno órfão e, sobretudo, sobre a sua permanência na casa do avô paterno Hans Lorenz Castorp, com quem nosso protagonista convive por dezoito meses. Por fim, acompanhamos o garoto mudar-se para a casa do seu tio, o Consul Tienappel, que além de ser o pai do primo e amigo Joachim, também lhe tutora a educação formal e os bens materiais deixados por seus falecidos pais.

Sobre a vida um tanto trágica dos pais de Castorp, nosso narrador é sintético e lacônico, pois a passagem realmente é rápida para o teor semântico, que é o da afetividade básica para a formação psicossocial do protagonista, que carrega e para a complexidade e extensão que a

globalidade desta narrativa possui. Sobre esse quadro familiar, sabemos que:

Hans Castorp conservava apenas pálidas recordações da casa paterna. Mal chegara a conhecer o pai e a mãe. Morreram ambos no curto intervalo entre o seu quinto e sétimo ano de vida. Primeiro faleceu a mãe, de forma absolutamente inesperada, em vésperas de um parto, por causa de uma obstrução de vasos sanguíneos, consequência de uma neurite; segundo o diagnóstico do Dr. Heidekind, foi uma embolia que paralisou instantaneamente o coração: a mãe acabava de rir-se, sentada na cama, e parecia cair para trás de tanto riso, mas na realidade isso se deu porque morrera. O pai, Hans Hermann Castorp, era incapaz de compreender essas coisas; visto ter tido grande apego à esposa e não ser ele próprio de compleição muito robusta, não pôde conformar-se com o golpe. Seu espírito, desde aquele dia, tornou-se confuso e apoucado. Presa de uma espécie de torpor, cometeu uma série de erros nos negócios, de maneira que a firma Castorp & Filho sofreu prejuízos sensíveis. Na segunda primavera depois da morte da mulher, contraiu uma pneumonia durante uma inspeção dos depósitos do porto varrido pela ventania, e como o coração fatigado não resistiu à febre alta, faleceu ao cabo de cinco dias, não obstante todos os cuidados do Dr. Heidekind. Acompanhado de numeroso cortejo de concidadãos, foi unir-se à esposa no jazigo dos Castorps, muito bem situado no cemitério de Santa Catarina, com vista para o jardim Botânico. (MANN, 2006, p. 21-22).

Neste contexto familiar nuclear de base, que é desmontado por lances trágicos, destaca-se a permanência da criança na casa do avô paterno. O menino, como mencionamos, ficará na casa do avô paterno, que também falecerá pouco tempo após a morte do filho e da nora. Assim, esta analepse é preenchida predominantemente pelas relações que o pequeno órfão tem com esse avô paterno. Essa personagem nos é dada com dados que são meticulosamente descritos, como já indicamos. A atenção que o narrador dá ao avô de Castorp parece nos indicar que há alguma importância singular de ação e influência, mesmo que no pouco

tempo de convívio, sobre a personalidade do neto, que está em franco processo de formação pessoal e social.

Sobre esta detalhada situação de coexistência entre avô e neto, o narrador, por vezes, também se comporta como se fosse ele mesmo a personalidade imersa, a do protagonista, em tal acontecimento; ou seja, temos a impressão de que se trata do próprio protagonista que está a nos mostrar estes fatos passados, que ainda permanecem vívidos e atuantes na subjetivação da juventude de Castorp, e que ele próprio amalgama-se à personalidade do jovem. Isto criaria então aquela ambivalência entre voz enunciativa da narrativa e personalidade que vive os fatos. Ou seja, uma dinâmica enunciativa é arquitetada no quadro em que o narrador onisciente aproxima-se relativamente e toma partido da focalização da personagem que está inserida nas ações e situações dadas. Tais movimentações podem não ser predominantes do ponto de vista quantitativo, pois existem outras focalizações narrativas usadas, mas possuem singular valor qualitativo para a produção literária dos sujeitos em ação e reação. Para o narrador, o quadro identitário oficial do avô se configura da seguinte forma:

O avô paterno, o senador, sobreviveu apenas pouco tempo ao pai; morreu também de uma pneumonia, porém depois de muita luta e longo sofrimento, pois, ao contrário de seu filho, era Hans Lorenz Castorp uma personalidade que dificilmente se deixava abater, e se arraigava com grande tenacidade na vida. Durante o breve período entre aqueles outros dois falecimentos – não ultrapassou um ano e meio – morava o órfão Hans Castorp na casa do avô, mansão ao gosto do Classicismo nórdico, edificada em princípios do século passado, sobre um terreno estreito, à Rua da Esplanada. (MANN, 2006, p. 21).

Se o narrador, de certa forma, não se alonga na explicação de como era o comportamento dos pais de Castorp, no caso do avô há uma dedicação quase amorosa em nos mostrar como o velho se comportava em sua sociedade; particularmente com seus serviçais e com seus familiares. Hans Lorenz Castorp, ficamos sabendo, é fruto de épocas passadas. Épocas de uma Alemanha predominantemente do norte, ainda envolta por dispositivos classistas tradicionalmente estabelecidos. Ou seja, um típico representante do ideário conservador, baseado nos valores da

terra e do sangue supostamente próprios e singulares do povo germânico, que tanto fomentou certo isolacionismo e beligerância político-cultural frente a outras culturas da Europa.

Sua riqueza material e tradição cultural são mostradas pelo seu afincamento em se posicionar de modo político, cultural e financeiro perante o mundo moderno que se lhe apresenta. Seu trabalho objetiva ganhos de produtividade que reproduzem o lugar social secular de uma família de nome conhecido e reconhecido pela comunidade local e nacional. Tal lugar, no entanto, não é mantido por seu filho, o pai de Castorp. Este filho, talvez por questões de ordem moral e pessoal, não dará seguimento ao brilhantismo empresarial da família, o que cria o crítico contexto formacional do jovem Castorp, que mesmo assim, ainda é socorrido e mantido pelo seu tio Tienappel.

No quadro, observamos como o neto demonstra amor e curiosidade pelo avô. Este campo afetivo não nos é explicado apenas por relações causais positivas; no entanto, vemos como a criança sente-se enlevada e elevada pelos sinais de força ostentados pelo avô, pelo convívio cheio de protocolos classistas que os dois executam diuturnamente e, principalmente, pela grande atenção que o avô lhe dedica. Assim, a fase da infância entra em contato com a fase humana da pessoa idosa, conformando aquela situação de intergeracionalidade que assegura a transmissão de valores, crenças e demais estratégias existenciais do passado para as novas gerações que assumem seu lugar na cena das formações psicossociais. Exemplo desta simpatia e empatia que o neto sentia pelo avô, pode ser acompanhado neste fragmento, no qual vemos o narrador, usando a perspectiva do protagonista, como que compreendendo e desculpando os excessos classistas do velho senhor:

O velho sentia grande dificuldade em adaptar-se a inovações. Sua vida coincidia com uma época de rápido desenvolvimento e múltiplas revoluções, com decênios de progresso em marcha forçada, que haviam exigido muita audácia e grande abnegação nos negócios públicos. Mas Deus sabe que não era culpa do velho Castorp que o espírito moderno obtivesse seus conhecidos e brilhantes triunfos. Ligara ele maior importância às tradições ancestrais e às instituições antigas do que às arriscadas ampliações do porto e outros arremedos ímpios de cidades grandes; refreara e se opusera, sempre que lhe era possível,

e se fosse por ele, a administração seria ainda hoje tão idílica e antiquada como o seu próprio escritório. (MANN, 2006, p. 23).

Ao olhar o caráter temático que predomina nessa analepse, anacronia cujo tempo é de caráter mais kairológico – aquele tempo predominantemente voltado às oportunidades positivas para a construção de futuros desejados; mais positivo pois que propriamente o vasto tempo presente cronológico, temporalidade essa mais sobredeterminada pelas tradições do passado –, observamos que há uma espécie de redenção da imagem do avô e, conseqüentemente, a tentativa de compreensão de práticas comportamentais, familiares e sociais que se justificariam pela necessidade de adequação às já consolidadas, intrincadas e variadas cartografias cronotópicas. O indivíduo é visto, pois, como que influenciado por dispositivos configuradores, regulatórios e mantenedores de lugares sociais e disposições pessoais; sendo que, por vezes, são indivíduos que não têm capacidade de compreensão autorreflexiva de como tais lugares foram estabelecidos arbitrariamente, pois de modo histórico e conservador.

Este conjunto de rememoração parece, pois, nos apresentar o jovem Hans Castorp sendo influenciado, em suas subjetivações transversais, e entre tantas outras influências que receberá no decorrer de sua estada no sanatório, pelos desdobramentos existenciais de seu avô paterno. Tais desdobramentos, que a tradição otimizada de sua família lhe envia, serão, no entanto, colocados em dinâmica de inclusão de elementos até mesmo contraditórios, que são responsáveis pela formação de quadros de identidades transversais; pois, tais vetores de influência são aqueles que também permitem a formação de subjetividades parciais. Quais, neste contexto, seriam tais vetores formadores das subjetividades parciais, ou em constatare curso de produção, recorrentes nesta narrativa?

Aspectos do processo de subjetivações transversais

A montanha mágica, tradicionalmente é um romance lido através da perspectiva que se tem sobre o *Bildungsroman*, narrativas ficcionais que tratam da formação ou educação de um sujeito, em dimensão psicossocial. De sua matriz canônica, normalmente tida como advinda da cultura germânica, e de suas atualizações feitas por várias outras culturas, aproveitamos aqui as singularidades que Thomas Mann dá a este tipo

literário, no que diz respeito a certa conformação de personagem. Sobre essa formação e educação, sejam sistêmicas ou assistêmicas, ressaltamos a possibilidade de que a produção subjetiva da protagonista desse romance possa ser acompanhada em suas identificações com várias personagens que lhe conformam a rede existencial feitas por posturas e valores heterogêneos e, por vezes, contraditórios.

Para pensarmos sobre a o campo da personagem na narrativa literária de educação ou formação, selecionamos de modo um tanto arbitrário, porém ancorados na tradição dos estudos desse tipo de narrativa, algumas reflexões de Mikhail Bakhtin (1997). Este estudioso da linguagem, em sua frente de estudos linguísticos e de estudos literários, reflete sobre alguns aspectos estruturais e funcionais do *Bildungsroman*. Para ele, tal narrativa basicamente trata dos processos de subjetivação de personagens inseridas em uma rede social e em um movimento de relações intergeracionais, no qual se movem as estratégias, tradicionais ou revolucionárias, de transmissão cultural. A base destes processos corresponde às fases de formação do indivíduo disposto em uma rede de coexistência interpessoal e em um notório *modus operandi* codificador e determinante, que é a híbrida dimensão da cronotopia dos possíveis universos existenciais humanos. Tempo, memória, espaço, sociedade e indivíduo em educação e formação perfazem, pois, o campo de possibilidades de desenvolvimento e de deslocamentos deste tipo de narrativa.

Para Bakhtin, o móvel central do *Bildungsroman* possui várias linhas de estrutura e de funcionalidade. Desde tratar de modo linearizado a evolução do protagonista, via desdobramentos de fases pontuais e relativamente fixas da evolução cumulativa e de determinação causal positivista, até a separação reflexiva do sujeito com o meio social no qual ele está inserido. Há de se cuidar de compreender que a formação pessoal é um processo pedagógico complexo de inserção psicossocial dialética, no qual tanto o sujeito, em fase de formação, quanto a sociedade heterogênea que o educa, estão imersos em um conjunto aberto de possibilidades de negociações quanto ao comportamento e à produtividade possíveis.

Assim, havemos de refletir sobre, por exemplo, o conceito de grandeza absoluta e grandeza variável, sobre o qual o autor acima se debruça. O fragmento de desenvolvimento do raciocínio está relativamente alongado, porém útil para darmos cursos a nossas reflexões sobre parte do processo propedêutico que envolve Hans Castorp,

colocando-o em uma instigante atualização, como já mencionamos, que Thomas Mann nos oferece dessa modalidade um tanto canônica de narrativa. Vejamos:

Trata-se, acima de tudo, de isolar o princípio determinante da *formação do herói*. Na maioria dos casos, o romance (e as variantes romanescas) conhece apenas a imagem *preestabelecida* do herói. A dinâmica do romance, os acontecimentos e episódios nele representados, consiste em movimentar o herói no espaço, na hierarquia social: ele é mendigo, fica rico, é plebeu, torna-se nobre. O herói ora se aproxima, ora se afasta de seu objetivo - da noiva, da vitória, da riqueza, etc. Os acontecimentos modificam-lhe o destino, a situação na vida e na sociedade, ao passo que ele permanece inalterado, sempre igual a si mesmo.

Na maioria das variantes do gênero romanescos, o enredo, a composição e toda a estrutura interna do romance postulam a imutabilidade, a firmeza da imagem do herói, a unidade estática que ele representa. O herói é uma *grandeza constante* na fórmula do romance; as outras grandezas - o ambiente espacial, a situação social, a fortuna, em suma, todos os aspectos da vida e do destino do herói - são *grandezas variáveis*.

O conteúdo dessa *grandeza constante* (do herói preestabelecido e imutável) e os indícios de sua unidade, de sua constância e de sua própria identidade podem ser muito variados - a começar pela identidade zero do nome dado ao herói (em certas variantes do romance de aventuras) para terminar em seu caráter que pode ser complexo e ter alguns de seus aspectos revelados apenas progressivamente, ao longo do romance. O que também pode ser variável são os princípios da seleção dos traços essenciais e os princípios de combinação e de organização do conjunto da imagem do herói, e, afinal, os princípios compositivos que regem a revelação dessa imagem. (BAKHTIN, 1997, p. 236-237).

A questão do que seria a grandeza imutável do protagonista em formação psicossocial é uma marca constante na tradição do

Bildungsroman, que se consolida na sociedade germânica, e por extensão na europeia, do Séc. XIX. É, pois, um programa propedêutico classista, de um segmento de alta burguesia emergente, e em fase de franca consolidação político-social, que detém os meios e os modos de produção de capitais variados. Esse programa funciona, pois, como desiderato de correntes filosóficas que marcam a ideia de identidades humanas centradas por sua consciência pragmática e por sua necessidade de corroborar princípios e práticas consagrados pelos discursos legitimadores do *socius* dessa época.

Desta forma, seria aparentemente natural pensarmos e validarmos a possibilidade concreta de fixação de características psíquicas e sociais que conformariam de modo inflexível o campo identitário de subjetividades que é, como pensamos contemporaneamente, produzido de modo incessante e contínuo. Isto, apesar da paradoxal constância constitutiva, percebida nas práticas cotidianas e nos encontros com outros tantos sujeitos que, pragmaticamente, apontam-nos possibilidades de formação de identidades estáveis.

Haveria no canônico *Bildungsroman*, pois, a ideia de que se era necessário ativar e representar no texto narrativo, os agenciamentos territorializados de enunciação capazes de produzir rostidades críveis e producentes. Tais cartografias de identidades fixas estariam dispostas predominantemente na dinâmica da causalidade constitutiva, e se movimentariam de modo previsível e controlável no tecido social, de acordo com diretrizes dadas por dispositivos institucionais (instituições como a família, a escola, as ideologias governamentais de consenso, a arte, a religião entre outras) e conjuntos de semióticas supostamente fechadas (os discursos políticos, os discursos científicos, os discursos jurídicos e demais).

Por rostidade, como nos ensina os pensadores Gilles Deleuze e Félix Guattari (1966; 1995; 1996; 1997), quase no acordo com as reflexões bakhtinianas, porém de radicalidade teórica e prática mais manifesta, temos o que seria aquela identidade psicossocial que começa a ser construída pelas reflexões cartesianas desde o Séc. XVI. Ela se assemelha a ideia que temos do rosto fisiológico; um conjunto positivo de órgãos e sistemas que forma um organismo identitário do tipo psicofísico. Um rosto identitário produzido e reconhecido pelo campo social, no qual o sujeito está imerso de modo um tanto inativo e acrítico, tendo em vista a disposição de sua energia vital. Esse organismo individualizado quando construído, por forças de convenções e tradições, perderia parte de sua

potência ontológica para evoluções substanciais; ou seja, uma vez produzida, a rostidade teria diminuída as condições de transformações pessoais de acordo com as necessidades e possibilidades que lhe surgem no decorrer de sua vida. No entanto, mesmo de aparência inamovível, tal rostidade também está sujeita às transformações, quando sobredeterminada por forças sociais e pessoais.

Rostidade, pois, supõe a presença histórica, com base cronotópica positivada, de um corpo físico cujo conjunto de características estruturais e funcionais apontaria para aquela grandeza existencial constante. No entanto, mesmo aprisionado pela imagem fixada de si mesma, a rostidade ainda mantém a possibilidade de desterritorialização de sua estrutura e de sua funcionalidade montadas de modo arbitrário. Nesse ponto, o do deslocamento multiconstitutivo, voltamos à analepse literária engenhosamente produzida por Thomas Mann, que nos leva para um contexto literário mais complexo da modernidade do entre-guerras do Séc. XX, proporcionando-nos representação e expressão do que seriam grandezas inconstantes no âmbito da produção e recepção de personagens em contextos de formação e de educação.

Através desta anacronia analéptica, que expressa as afecções de amor e, ao mesmo tempo, de estranhamento do pequeno Castorp para com seu avô paterno, observamos que a identidade, produzida por critérios clássicos, desloca-se para um ponto em que vemos surgir as estratégias de construção de uma rostidade modulada de modo múltiplo e heterogêneo; ou, de como complexos identitários também se mostram em uma hierarquia flutuante de caracteres formativos, e de modo simultâneo, enraizam-se em dimensões transversais de múltiplas identificações possíveis.

Antes, porém, de continuarmos nossas reflexões, consideramos necessário mencionar que não nos deteremos aqui em teorizações e análises específicas sobre o *Bildungsroman*, como gênero ou tipo literário. Que de tal modalidade narrativa, debruçamo-nos sobre algumas particularidades narratológicas e socioculturais da produção de um dos elementos estruturais e funcionais, que é a personagem em suas subjetivações transversais. No entanto, para além do recorte teórico que fizemos do material de Mikhail Bakhtin, temos consciência da ampla frente de pesquisa sobre o *Bildungsroman*² e anotamos alguns textos

² Para tal frente de estudo, que não abordamos sistemática nesse estudo, destacamos as reflexões de teóricos e analistas brasileiros e estrangeiros, como por

teóricos já clássicos sobre aspectos variados dessa discursividade literária singular em nossa tradição ocidental, tais como: a formação do gênero, seus aspectos estruturais e funcionais, sua consolidação na cultura germânica, a atualização em outras culturas, sua filiação política, psicológica, sua recepção na contemporaneidade, suas atualizações multiculturais, entre outras teorizações, discussões e análises possíveis.

Sobre a morte, a rostidade dinâmica e o Édipo expandido

A rostidade, como tratamos acima, também pode ser representada literariamente em patamares mais complexos, quando acompanhamos os dados que o narrador nos fornece sobre o velho Hans Lorens Castorp. Se por um lado, o avô bondoso encena oficialmente as litâneas de seu lugar social tradicional, por outro lado ele também desloca seu comportamento para atitudes que flexibilizam esse lugar comportamental para relações de negociações cooperativas com outros lugares sociais de seu entorno. Podemos observar isto no trato que ele tem, por exemplo, com seu empregado, o também já idoso e prestimoso Fiete. Acompanhemos como essa coexistência diferenciada, do ponto de vista de classe social, acontecia:

Era nesse aposento que, durante os referidos dezoito meses, o avô e o neto almoçavam todos os dias às quatro horas, servidos pelo velho Fiete, que trazia brincos nas orelhas, botões de prata na casaca e uma gravata de cambraia igual àquela do patrão, do qual também imitava o hábito de esconder na laçada o queixo escanhado. O avô tratava-o por “tu” e falava com ele em dialeto baixo alemão, não para pilheriar, pois que não tinham nenhum senso de humor,

exemplo: Georg Lukács (1972), Fritz Kaufmann (1973), Karl Morgenstern (1988), Bernard Witte (1989), Franco Moretti (1999), M. Neumann (1977), S. Dowden (2002), Wilma Patrícia Marzari Dinardo Mass (2000), Marco Antonio Rassolin (2000), e Cristina Ferreira Pinto (1990) e Jorge Alves Santana (2003a; 2003b). Ressaltamos nessa seleção, em particular, a tese de doutorado de Marco Antonio Rassolin Fontanella (2000), que trata de cotejo primoroso e dialético, na clave da síntese disjuntiva inclusiva, entre *A montanha mágica* e a clássica matriz narrativa de Goethe. Anotamos também que nossa tese de doutorado, listada nas referências finais, tratou da modalidade do *Künstlerroman*, ou romance de formação do artista, em narrativas de Graciliano Ramos, Jerome David Salinger e Mario Vargas Llosa.

mas com toda a seriedade, e porque sempre o fazia no contato com gente do povo – estivadores, carteiros, carroceiros e criados. (MANN, 2002, p. 20).

O velho criado Fiete entra no contexto tradicional e, conseqüente discriminatório e segregador, como exemplo da flexibilidade tanto do velho avô, quanto das possibilidades de características híbridas das relações interpessoais que montarão a engenharia dos processos de subjetivação de Hans Castorp, quanto o rapaz entrará na rede complexa de relações variadas que o sanatório Berghof lhe exigirá.

Hans Lorenz Castorp, o bom avô, se não consegue desconstruir sua territorialidade política e social conservadora, ao menos minimiza substancialmente as relações senhoriais de exploração social e política, apreendidas através de valores seculares cultivados por sua família. Tal flexibilidade comportamental abre, então, as portas para novas estratégias de negociação tanto em relação aos acordos classistas quanto aos acordos responsáveis pelas montagens possíveis dos complexos de identidades transversais.

Outro aspecto importante para compreendermos as grandezas mutáveis que performam o protagonista/herói/anti-herói deste *Bildungsroman* atualizado é o núcleo acional e meditativo que é movido pelo fenômeno da morte do avô de Castorp. Ao lado das lembranças de como o avô paterno cultuava a tradição de sua família e de sua sociedade, através principalmente das lembranças bem exemplificadas pela explicação que o avô faz, por exemplo, da bacia batismal que acompanhou várias gerações de sua família e, também, pela descrição da pintura hierática do avô, que o narrador nos oferece, somos levados lenta e minuciosamente para presenciarmos e refletir sobre a situação da morte e do velório do velho Hans.

Acometido pela tragédia da morte prematura dos pais, vemos o caso da intimidade familiar se agravar com a finitude concreta do parente com o qual o pequeno Castorp mais parece ter se identificado. O avô substituiu o pai, cujo comportamento deixava a desejar no aspecto da vontade de viver e da necessidade de preservar e melhorar os empreendimentos pragmáticos e simbólicos da família. Tal substituto de valores heterogêneos importantes para o futuro também desaparece, obrigando o adolescente a ver-se frente a frente com o mistério ambíguo da finitude humana e suas conseqüências para sua formação pessoal e social.

O que poderia representar o contexto da morte de um dos entes mais queridos para nosso protagonista, cuja formação e educação está em curso? Há de se compreender a morte com disposição estoica, com disposição hedonista ou na junção de ambas as posturas que nos são dispostas?

Situações semelhantes ocorrem em nossas vidas factuais. E também ficamos, por vezes, indecisos quanto aos comportamentos e protocolos que devemos efetivar. Sobre essa questão de nos posicionarmos sobre a morte, como Hans Castorp foi obrigado a fazer de modo prematuro e pungente, lembramo-nos de Michel Foucault (2006) pensando sobre nossos hábitos possíveis perante essa realidade, a da finitude, da qual ninguém pode fugir.

Para Foucault, somos educados, até mesmo contemporaneamente, através das reverberações da cultura do mundo grego antigo, a vivenciarmos e a nos colocar nos campos da morte, de modo civilizado e controlando conscientemente nossas afecções diante do fato. No segundo quadro, viveríamos de acordo com nosso princípio do prazer, que nos permite certa galhardia e despreocupação frente a este fenômeno terrível e inevitável para a vida biótica.

Voltando a nossa narrativa literária, na principal analepse de sua infância, temos que, em um primeiro momento, Hans Castorp imerge na gravidade que exige o velório do avô. Admira e aprova os protocolos funerários que engrandecem tradicionalmente a figura do falecido senador. Assim, segue o comportamento esperado de um membro de família ilustre do norte da Alemanha conservadora. Observemos um exemplo deste comportamento, à primeira vista, adaptado à ordem social previsível:

Assim o menino aprovara no seu íntimo que o avô surgisse em plena autenticidade e perfeição no dia em que chegou a hora de lhe dizer adeus para sempre. Era na sala de jantar, a mesma sala onde tantas vezes haviam feito as refeições, sentados um em frente do outro. No seu centro jazia agora Hans Lorenz Castorp, estendido no caixão enfeitado de prata, exposto numa essa rodeada de coroas. Lutara até o fim contra a pneumonia, lutara tenaz e demoradamente, se bem que antes tivesse dado a impressão de se acomodar à vida moderna apenas por meio de uma espécie de adaptação. E enquanto o ancião jazia ali, no seu leito de

gala, não se sabia se era vencedor ou vencido. Em todo caso, exibia uma expressão severa e sossegada; a fisionomia, depois de todas essas lutas, aparecia mudada, e o nariz mais pontiagudo. A metade inferior do corpo estava escondida sob um cobertor, em cima do qual se achava um ramo de palmeira. A cabeça repousava erguida sobre um travesseiro de seda, de forma que o queixo se conchegava imponentemente à concavidade dianteira da golinha espanhola. Entre as mãos, meio ocultas pelos punhos de renda, e cujos dedos, embora imitando uma posição natural, não deixavam de revelar frieza e imobilidade, haviam introduzido um crucifixo de marfim, que o defunto, de sob as pálpebras abaixadas, parecia fitar incessantemente. (MANN, 2006, p. 25).

Os lugares da tradição familiar, da tradição social e da tradição pessoal parecem ser mantidos. Até mesmo sentimos a presença de certo orgulho positivo disso na descrição enlutada que o narrador nos oferece. A identidade do avô é construída, mantida e perpetuada para a sociedade de Hamburgo e ecoará por anos e anos o retrato de um homem que fora digno, ético e de moral ilibada no trato para consigo, para com os outros e para sua rede de coexistência. É, de fato, um funeral pomposo, mas com as contenções necessárias ao registro da modéstia e prudência para que tal equilíbrio não chame, por exemplo, a atenção de forças enciumadas e vingadoras tão comuns em narrativas de cunho trágico.

No entanto, como este *Bildungsroman* atualiza mecanismos de sua base narrativa canônica, vemos que um insignificante inseto insiste em deslocar o quadro de equilíbrio do velório do bom avô. O narrador, usando da perspectiva de nosso protagonista, como que a construir uma enunciação de narrador autodiegético – aquele narrador que narra fatos e situações vivenciados por ele próprio –, insere insidiosamente um inseto no digno e tradicional velório. No meio de reflexões sobre os sentidos da finitude humana, se ela é apenas física ou completamente anímica e física, somos apresentados a uma mosca que insiste em voar e revoar ao redor do corpo morto do velho avô. Sigamos o quadro:

O pequeno Hans Castorp contemplava essa matéria lisa, cor de cera, de uma consistência caseosa, de que estava feita

aquela figura morta de tamanho natural, com o rosto e as mãos do ex-avô.

Uma mosca acabava de pousar na testa imóvel e começava a mexer a probóscide. O velho Fiete espantou-a cautelosamente, evitando tocar a testa; ao fazê-lo, exibia uma fisionomia reservada e pudica, como se não devesse nem quisesse saber do ato que praticava; pudor que sem dúvida se devia ao fato de ser o avô, no atual estado, corpo e nada mais. Mas a mosca deu um vôo circular e aterrissou em seguida nos dedos do avô, perto da cruz de marfim. Enquanto isso sucedia, Hans Castorp percebeu, mais distintamente do que antes, aquela emanção leve apenas, mas de uma persistência singular, e que não lhe ficava estranha. (MANN, 2006, p. 15).

A situação poderia tratar-se de uma pausa descritiva exótica, anedótica ou de importância menor, quando vista diante da grandiosidade e do caráter venerável do momento fúnebre. No entanto, a tal mosca coloca, mesmo que de modo enviesado, o pequeno neto no campo da dubiedade escatológica do destino que espera todo o ser humano, independente do lugar social ocupado por ele em vida. E, sobretudo, que a vida humana está inserida em universos existenciais variados e heterogêneos; fator esse que flexibilizaria as hierarquias entre os sujeitos e os lugares subjetivos, sociais e econômicos que eles ocupam.

Aqui no caso, trata-se da finitude que ceifa de modo terminante as possibilidades de autonomia e de independência do avô. Apesar da flexibilidade que a narração faz em sua construção e representação da identidade positiva, tornando-a subjetivações modulares, há como que um olhar cínico e crítico que envolve os valores e comportamentos um tanto iconoclastas para o lugar existencial que o avô ocupa em seu caixão; lugar esse que o faz também se assemelhar, de fato, com todas as demais identidades humanas possíveis.

Movimentos de tradição e de renovações de conjuntos socioculturais são vistos, nesse quadro de morte em que os odores pútridos do corpo morto também funcionam como metáforas para a transitoriedade de identidades fixas, como engenhosas circunstâncias transformadoras que performam e flexibilizam hierarquias de valores, crenças e disposições habituais, capazes de se abrirem para negociações existenciais variáveis. A mosca sobre o cadáver do avô faz o pequeno

Castorp lembrar-se de um colega de escola que possuía uma doença que lhe criava um odor horrível, semelhante àquele que emanava do cadáver do avô. Desta forma, a morte lembra ao vivente que mesmos os corpos vivos mais dignos e louváveis não estão isentos de condições crônicas de circunstâncias nas quais o sofrimento irremediável é um elemento estruturante da vida privilegiada por condições socioeconômicas arbitrárias e excludentes.

A vida e a morte do avô Hans Castorp Lorens lembram-nos, por fim e sem pretendemos aprofundar nesse enfoque teórico-analítico, das reflexões metapsicológicas que Sigmund Freud (1985) desenvolve em seu seminal *Romances Familiares*. Texto no qual acompanhamos um dos desdobramentos do básico Complexo de Édipo. Para este pensador das subjetivações modernas e pós-modernas, nossa formação identitária dá-se basicamente na triangulação afetiva e intelectual que temos no seio familiar, com nossos pais; para em seguida, ou talvez de modo concomitante, identificarmos-nos com formações sociais mais amplas e complexas. Tal quadro intrinsecamente formativo no apontaria que:

Ao crescer, o indivíduo liberta-se da autoridade dos pais, o que constitui um dos mais necessários, ainda que mais dolorosos, resultados do curso do seu desenvolvimento. Tal liberação é primordial e presume-se que todos os que atingiram a normalidade lograram-na pelo menos em parte. Na verdade, todo o progresso da sociedade repousa sobre a oposição entre as gerações sucessivas. Existe, porém, uma classe de neuróticos cuja condição é determinada visivelmente por terem falhado nessa tarefa.

Os pais constituem para a criança pequena a autoridade única e a fonte de todos os conhecimentos. O desejo mais intenso e mais importante da criança nesses primeiros anos é igualar-se aos pais (isto é, ao progenitor do mesmo sexo), e ser grande como seu pai e sua mãe. Contudo, ao desenvolver-se intelectualmente, a criança acaba por descobrir gradualmente a categoria a que seus pais pertencem. Vem a conhecer outros pais e os compara com os seus, adquirindo assim o direito de pôr em dúvida as qualidades extraordinárias e incomparáveis que lhes atribuíra. Os pequenos fatos da vida da criança que a tornam descontente, fornece-lhe um pretexto para começar

a criticar os pais; para manter essa atitude crítica, utiliza seu novo conhecimento de que existem outros pais que em certos aspectos são preferíveis aos seus. (FREUD, 1985, p. 135).

Sigmund Freud trata aqui, como o faz em várias de suas outras obras, do quadro do Complexo de Édipo, que teria dinâmica tanto filogenética quanto ontogenética, no que diz respeito à formação do psiquismo humano. De início, baseia suas observações e reflexões nas particulares relações parentais, que envolve o pai, a mãe e o filho. Em dinâmica de afecções contraditórias, a formação da criança decorre entre amores e aversões ao parente do sexo oposto.

Na primeira fase, o filho considera os pais através da ótica amorosa; porém, quando descobre outros espaços além dos familiares, percebe que outros parentes, amigos e afins podem possuir lugares psicossociais mais privilegiados. Entre outros fatores de comparação, um nível posterior de relações parentais surge, colocando as benevolências paternas do primeiro nível na berlinda. Processos de aversão e de destruição, imaginários ou reais, são colocados em curso e as figuras parentais de base são questionadas em suas utilidades afetivas e pragmáticas.

No entanto, em movimento posterior, tal complexo indica que há um resgate de afecções positivas, quando os filhos dialetalizam os caracteres positivos e negativos de suas relações parentais. Pra Freud, os caracteres positivos superam os negativos, por certa imposição de tradições sociais, e o curso das relações intergeracionais segue sua evolução relativamente satisfatória na equilibração psicossocial. *Grosso modo*, o Complexo de Édipo descreve e explica, de modo relativamente otimista e de forte caráter adaptacionista, as negociações feitas entre a tradição dos comportamentos e produções humanas e as inovações necessárias para que tais quadros sejam efetivados pela reengenharia evolutiva.

Se no típico Complexo de Édipo, bem como em seu corolário de fundo psicossocial, há um foco maior no campo individual e familiar, sabemos que tal complexo ocorre historicamente e arbitrariamente em um contexto sócio-político mais amplo e complexo. No lugar das figuras parentais, como Gilles Deleuze e Félix (1966) refletem e nos demonstram, as figuras parentais são deslocadas para os dispositivos sociais tais como os dispositivos institucionais e os dispositivos semióticos (linguagens de

várias ordens e funções que basicamente produzem sentidos e condições de circulação social de tais sentidos) que conformam o tecido social.

A relativamente longa explanação do Complexo de Édipo, sistematizado e perspectivado por Freud, nos é útil para compreendermos a subjetividade transversal de Hans Castorp. As relações que o mediano rapaz alemão pode estabelecer com a figura de seu pai, polo de subjetivação majoritariamente negativizado talvez por seus insucessos pessoais e profissionais, e pela figura do bom avô, polo de subjetivação positivado por sua iconoclastia comportamental e pelos valores pessoais e políticos heterogêneos, oferecem condições maleáveis para que o jovem entre na necessária rede de coexistências dialógicas que terá, por exemplo, com o humanista e ativista político Ludovico Settembrini, com o conservador e niilista Leo Naphta, com o hedonista Mynheer Peeperkorn, com a feminilidade feminista e um tanto anárquica de Clawdia Chauchat, e com variadas outras identidades que representam os quadros políticos, sociais e culturais da Europa Pré-Primeira Guerra Mundial, no nível do enunciado, e Pré-Segunda Grande Guerra Mundial, no plano da enunciação.

O Sanatório Berghof, nas montanhas alegóricas e, ao mesmo tempo factuais, do Alpes Suíços, exige de Hans Castorp posicionamentos e negociações flexíveis perante a variada e complexa condição epocal do continente europeu e de suas zonas de influência. É o período que antecede a um crônico e violento confronto bélico, ocasionado pela intolerância em se compreender e ponderar os universos das outridades representadas pelos internos de várias nacionalidades. Uma identidade cuja rostidade se mantivesse fixada em um *locus* substancial e excludente não permitiria ao jovem o contato dialógico com os demais internos que também funcionam como alegorias dessa época conflituosa.

Hans Castorp, apesar da postura um tanto desinteressada no início da narrativa, torna-se um sujeito interessado na vida do local e no corolário que essa vida representa. Aos poucos entrega-se às estratégias propedêuticas/ existenciais dos internos, como por exemplo com Settembrini e de Leo Naphta, que *grosso modo*, representam os dois grandes dispositivos ideológicos que fomentarão a Primeira Guerra Mundial. De modo um tanto apassivado, vemos que o rapaz desenvolve certo senso ativo, crítico e compassivo quanto às pedagogias que recebe. Em nossa leitura, acreditamos que essa postura é também influenciada pelo comportamento relativamente flexível, um tanto tolerante e dialógico de seu bom avô, lá do passado de sua infância. Em certa fase da

narrativa, o rapaz abre-se para tentar compreender os dois principais projetos existenciais que lhe são propostos. Está aberto, pois, às diferenças. Ao menos para compreender os seus pressupostos, apesar das limitações que tais perspectivas possam ter. Ou seja, ao mesmo tempo em que se abre para projetos pedagógicos diferentes, e por vezes antagônicos, mantém também, já de modo crítico, a disposição para sintetizá-los de modo não excludente.

No sanatório, Castorp atravessa todos os núcleos de pacientes, demonstrando o interesse pelas outridades que conformam, mesmo que provisoriamente, sua coexistência. Exemplo disso é o seu trânsito por todas as sete simbólicas e referenciais mesas que compunham o salão de refeição do sanatório. Sendo que tais mesas alegorizam crenças, valores e comportamentos de grupos determinados da geopolítica do continente europeu e proximidades. Vejamos essa disposição do rapaz que desenvolveu salutaras condições subjetivas para experimentar a heterogeneidade vivencial do lugar:

Sete anos passou Hans Castorp com a gente ali de cima. Não é um número redondo ao gosto dos partidários do sistema decimal, é, todavia, um número bom, prático à sua maneira; um lapso de tempo com um cunho mítico e pitoresco, não há negá-lo, e mais satisfatório para a alma do que, por exemplo, uma árida meia dúzia. Comera ele em cada uma das sete mesas da sala de refeições, aproximadamente um ano em cada lugar. (MANN, 2006, p. 466).

O Complexo de Édipo estendido pode, voltando a nossa reflexão anterior, então, criar condições para transformar aquela afirmação, um tanto despreocupada, porém desafiadora, que o narrador, com certos ecos biografemáticos do próprio Thomas Mann, faz-nos sobre Hans Castorp no início deste *Bildungsroman*, como acompanhamos aqui:

Queremos narrar a vida de Hans Castorp – não por ele, a quem o leitor em breve conhecerá como um jovem singelo, ainda que simpático, mas por amor a esta narrativa, que nos parece em alto grau digna de ser relatada. A favor de Hans Castorp convém, entretanto, mencionar que esta é a sua história, e que há histórias que não acontecem a

qualquer um. Os fatos aqui referidos passaram-se há muitos anos já. Estão, por assim dizer, recobertos pela pátina do tempo, e em absoluto não podem ser narrados senão na forma de um remoto passado. (MANN, 2006, p. 10).

Para o narrador, quanto ao jovem apresentado em tal registo de ceticismo, mesmo que de ceticismo de ótica amorosa e empática, teríamos um quadro fechado da identidade a ser apresentada e representada no decorrer deste enunciado literário. No entanto, parece que mais do que estratégia de afirmação e de depreciação de um caráter simplório em curso, teríamos um caso de denegação dialógica, feita entre autor-texto literário-leitor, que representa a possibilidade de uma centelha de otimismo frente aos deslocamentos heterogêneos que transformam rostidades conservadoras em identidades transversais, produzidas pelos encontros feitos nas alteridades subjetivas.

Tais identidades transversais, como a do jovem Castorp, no decorrer e conclusão abertos da narrativa, são capazes também de montar estratégias de compartilhamento e de cooperação críticos em resposta aos chamados de sua época, que historicamente se contorcia em movimentos e situações predominantemente impulsionados pelo princípio de *Thanatos*. Esse princípio de morte ocasionará o primeiro histórico embate bélico mundial. Porém, o romance de Mann também nos apresentará a um soldado, Castorp, mais consciente dos móveis que geraram este primeiro grande conflito e ressaltando a possibilidade de que tal quadro de formação psicossocial possa minimizar o surgimento, o desenvolvimento e a consolidação do mecanismos dispositivos de guerra.

Conclusão

Acompanhamos, neste breve estudo, alguns aspectos estruturais e funcionais de uma intrigante e reveladora analepse, intitulada “*Da pia batismal e dos dois aspectos do avô*”, que abre o segundo capítulo de *A montanha mágica*, de Thomas Mann. Nessa narrativa literária, observamos, também, como ocorrem as relações de conformações psicossociais marcantes entre o neto Hans Castorp e seu avô paterno Hans Lorenz Castorp. Relações estas que produzem condições de maior atividade e criatividade críticas nos futuros contextos de coexistência de tal protagonista, tanto no alegórico/referencial sanatório Berghof, quanto na geopolítica de guerra da época.

Refletimos sobre aspectos da produção da categoria narrativa de personagem, nessa atualização de gênero narrativo. Ou seja, ao lado de personagens que mantinham suas identidades completas e um tanto distanciadas das demais identidades de sua rede existencial, como ocorria na vertente clássica do romance de educação ou de formação, acompanhamos um processo de subjetivação variado, flexível e em constante curso, frente às possibilidades de identificações variadas, mesmo que as demais identidades representem modalidades existenciais contraditórias aos valores e hábitos legitimados e autorizados pelo *socius* de origem transversal do protagonista.

Observamos também como Thomas Mann constrói seu protagonista um tanto contrariamente aos parâmetros de identidades tradicionais, indo estrategicamente ao encontro das possibilidades de subjetivação modular ou transversal de possibilidades de atualização deste gênero romanesco. Desta forma, acompanhamos como Hans Castorp é performado por caracteres que valorizam a tradição familiar e social, representado pelo seu avô e também, de modo incluyente, por caracteres de inovações e flexibilidades comportamentais capazes de criar novas condições para que se vivencie de modo ativo uma sociedade que convoca seus membros a tomarem partido em relação aos projetos políticos que estão em jogo.

Thomas Mann, talvez projetando-se literariamente na figura do outrora mediano alemão Hans Castorp, oferece-nos um romance, escrito em vários e conturbados anos de posicionamentos pessoal e político conflituosos frente a situação alemã e a europeia, que também reflete a evolução de suas relações pessoais, familiares e coletivas estendidas. A evolução de seu pensamento político e estético assemelha-se, assim, às transformações transversais do inicialmente individualizado Castorp para uma mundividência ampliada e complexa, que é capaz de interessar-se de modo empático e crítico por uma gama de outridades que, historicamente, poderiam lhe causar estranhas, apatia e afastamento.

Na complexidade e grandiosidade dessa narrativa, percebemos como uma estratégia narrativa, a da anacronia que é essa analepse que acompanhamos, é capaz de dinamizar um cânone artístico, que historicamente não se flexibilizava por expressar e representar valores diversos e não excludentes da multivalência das perspectivas possíveis. O jovem Hans Castorp irá para a guerra, ao fim de sua longa estadia no sanatório. Não saberemos os resultados de sua imersão forçada nesse ambiente confuso e trágico que é o de um conflito mundial, como nos

conta e lamenta o narrador. Porém, sua constituição psicossocial, mesmo que ainda curso, está diferenciada daquele rapazote ingênuo e um tanto alienado sobre as vidas e as situações coletivas contemporâneas que lhe conformam a coexistência. Parece, ser então, nessa fase de ações práticas de grande envergadura e comprometimento, um rapaz que compreende, na medida do possível, o que ocorre consigo mesmo, com as demais pessoas a sua volta e com o contexto no qual a população global está irremediavelmente inserta/incerta.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *A comunidade que vem*. Tradução de Antônio Guerreiro. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 3a ed. Tradução de Maria Hermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DELEUZE, Gilles; Guattari, Félix. *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. Tradução de Joana Moraes Varela e Manuel Carrilho. Lisboa: Editora Assírio & Alvim, 1966.
- _____. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Vol.1. Rio de Janeiro: Editora 34,1995.
- _____. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. Vol. 3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- DOWDEN, S. (org.). *A Companion to Thomas Mann's The Magic Mountain*. Rochester: Camden House, 2002.
- FONTANELLA, Marco Antonio Rassolin. *A Montanha Mágica como Bildungsroman*. Campinas; UNICAMP, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *A Hermenêutica do Sujeito*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FREUD, Sigmund. "Romances Familiares". In: Freud, Sigmund. *Obras Completas*. V. 9. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- GENETTE, Gerard. *Discurso da narrativa*. Tradução de Fernando Cabral Martins, São Paulo: Perspectiva, 1987.
- MASS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo, Editora UNESP, 2000.

- MANN, Thomas. *A montanha mágica*. Tradução de Herbert Caro. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2006.
- MORETTI, Franco. *The Way of the World: the Bildungsroman in european culture*. London: Verso, 1987.
- MORGENSTERN, Karl. “Über das Wesen des Bildungsromans”. In: Selbmann, Rolf. (ed.) *Zur Geschichte des deutschen Bildungsromans*. Darmstadt: Wiss. Buchgesellschaft, 1988.
- PINTO, Cristina Ferreira. *O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- SANTANA, Jorge Alves. *O narrador homodiegético em Infância, O apanhador no campo de centeio e Tia Júlia e o Escrevinhador*. 2003, 140p. Tese (Doutorado em Letras) - IBILCE - UNESP, São Paulo. 2003a.
- _____. *Romance de Formação e o caso do Künstlerroman*. Revista Signótica, v. 15, p. 35-51, 2003b.
- WITTE, Bernard. Die schöne Gesellschaft als symbolisches Kustwerk. Über die antirevolutionären Ursprüngen des Bildungsromans. *Juni – Magazin für Kultur und Politik am Niederrhein*, v. 3. 1989.

Recebido em: 22 de agosto de 2016.

Aceito em: 10 de dezembro de 2016.